

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

GABRIEL ROBERTO JAEGER

O RACISMO NO FUTEBOL GAÚCHO:
os casos emblemáticos de Márcio Chagas, Enner Valencia e Mário Aranha

São Leopoldo
2024

GABRIEL ROBERTO JAEGER

**O RACISMO NO FUTEBOL GAÚCHO:
os casos emblemáticos de Márcio Chagas, Enner Valencia e Mário Aranha**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel pelo Curso
de Jornalismo da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.^a Dra. Sabrina Franzoni

São Leopoldo

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a toda a minha família, que esteve ao meu lado em cada etapa desta jornada. Em especial, dedico minha gratidão ao meu pai, Carlos Roberto Jaeger, e à minha mãe, Vânia Maria Rick Jaeger, pelo apoio incondicional e por sempre acreditarem em mim.

Agradeço também às minhas irmãs, Aline Gabriele Jaeger e Daniela Taís Jaeger.

Agradeço também aos meus amigos, cujo incentivo e presença foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço imensamente à minha professora orientadora, Sabrina Franzoni, cuja orientação e dedicação foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sua paciência, conhecimento e incentivo constante foram essenciais para que cada etapa deste processo fosse concluída com excelência. Sou grato por todos os conselhos e pelo comprometimento em me guiar na construção deste TCC. Sua contribuição foi indispensável para o desenvolvimento deste estudo e levo comigo todo o aprendizado adquirido ao longo deste percurso.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo verificar como os casos de racismo que ocorrem nos estádios de futebol são noticiados nos veículos de comunicação, tendo como universo alguns eventos que ocorreram no Brasil e mais especificamente no Rio Grande do Sul. A fundamentação teórica abordou a presença do racismo na história do futebol brasileiro e as heranças sociais que contribuíram para a exclusão racial nas práticas esportivas (Esteves e Belem, 2020). O *corpus* de análise foi composto por 15 matérias, publicadas entre os dias 06/03/2014 e 05/10/2023. Como metodologia foi utilizada a Análise de Conteúdo (Herscovitz, 2007), delimitando duas categorias, especificadas como Denúncia e Tolerância. Cada uma das categorias foi exemplificada a partir de trechos de matérias jornalísticas. Conclui-se que, embora o racismo nos estádios de futebol seja amplamente noticiado, as matérias analisadas envolvendo Márcio Chagas, Enner Valencia e goleiro Aranha mostram que, em alguns casos, o racismo é exposto e criticado, promovendo debates públicos, enquanto em outros, há um tratamento mais brando que pode minimizar a gravidade dos atos racistas. Essa variação no enquadramento reforça a necessidade de uma postura midiática mais consistente e incisiva no combate ao racismo, contribuindo para a conscientização e enfrentamento dessa questão no esporte.

Palavras-chave: Racismo no futebol; Jornalismo Esportivo; Márcio Chagas; Enner Valencia; goleiro Aranha.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Matérias Mapeadas por Categoria em ordem crescente	36
Tabela 2 Subcategoria Denúncia – frequência	37
Tabela 3 Subcategoria Tolerância – frequência	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.2 PROBLEMA	7
1.3 OBJETIVO GERAL	7
1.3.1 Objetivos específicos	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 JORNALISMO ESPORTIVO	9
2.2 RACISMO NO FUTEBOL	15
2.3 CASOS DE RACISMO NO RS	24
2.3.1 Aranha - Goleiro	25
2.3.2 Enner Valencia - Jogador	26
2.3.3 Márcio Chagas – Árbitro.....	26
3 METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO	28
3.1 PERCURSO METODOLÓGICO	30
3.1.1 Categoria 1.1 - Expressões de Denúncia/Agressão	34
3.1.2 Categoria 1.2 - Expressões de Tolerância.....	37
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O racismo no Brasil persiste profundamente enraizado, mesmo após a abolição da escravidão há 136 anos, quando a Lei Áurea foi promulgada pela Princesa Isabel. Esse tema é justificável como objeto de estudo, pois os negros continuam sendo prejudicados em diversos setores da sociedade, incluindo o futebol. Apesar de avanços no combate à discriminação, os casos de injúria racial no esporte ainda são recorrentes e muitas vezes acabam sem punições exemplares, o que contribui para a perpetuação dessas práticas.

No futebol, principal paixão nacional, as manifestações racistas têm ganhado visibilidade nos últimos anos, com casos que se tornam emblemáticos. Entre eles, destacam-se os de Márcio Chagas, árbitro que em 2014 foi alvo de ofensas e encontrou seu carro vandalizado com bananas; do goleiro Aranha, ofendido como "macaco" pela torcida do Grêmio, também em 2014; e de Enner Valencia, jogador do Internacional, que sofreu ofensas racistas nas redes sociais após uma partida da Libertadores em 2023.

O futebol, que durante grande parte do século XX era um privilégio da elite branca, foi monopolizado por clubes que inicialmente resistiram à inclusão de atletas negros. Times como Vasco, Internacional e Bangu, entretanto, foram pioneiros ao desafiar essa lógica segregacionista, promovendo a inclusão dos negros em suas equipes nas décadas de 1920 e 1930 (Observatório da Discriminação Racial no Futebol). Em contrapartida, clubes como Fluminense e Botafogo, entre outros, mantiveram-se resistentes à mudança, aceitando atletas negros apenas a partir de meados dos anos 1940 e 1950. Com o tempo, o futebol brasileiro se abriu, mas o racismo estrutural continuou a se manifestar. (Barbosa de Sousa, 2020)

A conscientização contra o racismo no futebol cresceu, com a mídia desempenhando um papel importante ao dar visibilidade a esses casos e ao levar algumas ocorrências para o âmbito judicial. Contudo, as sanções ainda são insuficientes para erradicar o preconceito, e muitas ofensas acabam tratadas de forma superficial. A luta contra o preconceito racial no futebol, embora mais visível, continua marcada pela impunidade, o que demanda um olhar atento e crítico sobre o papel dos clubes, das instituições e da mídia na promoção de uma mudança efetiva. Por essa razão, este trabalho busca aprofundar a análise sobre o racismo no futebol gaúcho, abordando os casos mais notórios e avaliando os enquadramentos dados

pelas matérias jornalísticas, com o objetivo de contribuir para uma reflexão e um combate mais eficaz contra a discriminação racial no esporte.

A partir da temática do Racismo no futebol brasileiro, com foco principal no estado do Rio Grande do Sul, serão analisados três casos: do Goleiro Aranha, do atacante Enner Valencia e do árbitro Márcio Chagas. Este TCC tem como problemática:

1.2 PROBLEMA

O racismo é um problema mundial, que parece estar longe de ter um fim e essa realidade pode persistir ainda por muito tempo. No Brasil, um dos países com grande miscigenação, ainda ocorrem inúmeros casos diariamente. O futebol, o esporte mais populares do país, também convive com esse preconceito, principalmente dentro dos estádios, o que evidencia o quanto o ambiente futebolístico é o reflexo da sociedade brasileira. A mídia ajuda na construção desta realidade e questionamos como as matérias jornalistas abordam os casos de racismo nos estádios do Rio Grande do Sul?

1.3 OBJETIVO GERAL

Verificar como os casos de racismo que ocorrem nos estádios de futebol são noticiados nos veículos de comunicação, tendo como universo alguns casos que ocorreram no Brasil e mais especificamente no Rio Grande do Sul.

1.3.1 Objetivos específicos

- a) Mapear os casos mais conhecidos sobre racismo.
- b) Selecionar três casos que ocorreram no Rio Grande do Sul.
- c) Identificar os enquadramentos dados pelas matérias jornalísticas sobre os três casos de racismo.

Após definidos os objetivos, estabelece-se a estrutura deste Trabalho de Conclusão de Curso, que se divide em quatro capítulos, além desta introdução. No capítulo 1, intitulado Jornalismo Esportivo, explora-se a evolução do jornalismo

esportivo e seu papel na sociedade, com base nos estudos de Silveira (2009). Este capítulo apresenta como o jornalismo esportivo no Brasil se consolidou ao longo do tempo, abordando as influências culturais e sociais e o impacto da cobertura midiática nas percepções dos torcedores, especialmente sobre temas sensíveis como o racismo.

No capítulo 2, *Racismo no Futebol*, discute-se a presença do racismo na história do futebol brasileiro e as heranças sociais que contribuíram para a exclusão racial nas práticas esportivas, conforme as análises de Esteves e Belem (2020) e Barbosa de Sousa (2020). Este capítulo revela como o racismo, marcado por uma estrutura elitista e excludente, moldou a formação inicial dos times e influenciou o cenário do futebol no Brasil, evidenciando como a discriminação racial persiste, tanto nas estruturas do esporte quanto na mídia.

No capítulo 3, intitulado *Casos de Racismo no RS*, são discutidos três episódios específicos de racismo no futebol gaúcho, detalhados a partir de materiais jornalísticos e do contexto sociocultural abordado nos capítulos anteriores. Os casos do goleiro Aranha, do árbitro Márcio Chagas e do atacante Enner Valencia foram escolhidos por representarem a diversidade e a recorrência de manifestações racistas no futebol, reforçando a necessidade de análise crítica sobre os enquadramentos dados pela mídia e o impacto desses casos na sociedade.

Ao final, o capítulo 4, que precede as referências bibliográficas, destina-se a apresentar as considerações finais do estudo. Nesse momento, revisitam-se os objetivos previamente estabelecidos, oferecendo uma análise conclusiva sobre o grau de cumprimento da pesquisa em relação a esses propósitos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo de Fundamentação Teórica será trabalhado sobre o Jornalismo Esportivo no subcapítulo 2.1, Racismo no Futebol no subcapítulo 2.2 e Casos de racismo no RS no subcapítulo 2.3, com o goleiro Aranha, Márcio Chagas e Enner Valencia.

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO

Neste subcapítulo sobre Jornalismo Esportivo, é abordado a evolução das coberturas esportivas, desde as primeiras publicações até o impacto das transferências de rádio e televisão na popularização dos esportes. A partir de uma análise histórica, é possível explorar como o jornalismo esportivo se consolidou como um gênero próprio, influenciando a percepção dos torcedores e dando destaque crescente aos atletas e aos eventos esportivos. Ainda, nesta parte do estudo é destacado sobre as instituições esportivas e a situações de racismo, com exemplos de comunicados de clubes brasileiros, incluindo os casos mais recentes de manifestações raciais contra os jogadores.

Segundo Nathália Ely da Silveira (2009), as primeiras notícias esportivas que apareceram na imprensa eram limitadas a resenhas de casos curiosos comentados. De acordo com Alcoba (2005 apud Silveira, 2009, p.20), esses comentários foram bem recebidos por abordar temas curiosos e acabaram se tornando o embrião da comunicação periódica que, posteriormente, conquistaria a maior audiência.

Para Silveira (2009), as notas sobre esportes se expandiram aos poucos para incluir artigos descritivos sobre os jogos e esportes mais populares, os benefícios que o esporte oferecia para a saúde e os confrontos entre atletas dos novos clubes de futebol. A autora cita o surgimento de veículos em Paris, Inglaterra e Espanha:

Graças a esse sucesso, nasce em Paris, em 1828, o primeiro jornal esportivo, *Journals des Haras*. Em 1852, na Inglaterra, cria-se o primeiro diário esportivo, *Sportman*. A Espanha não escapou à onda do esporte e, em 1856 publica a revista *El Cazador*. (Silveira, 2009, p. 21).

Um dos marcos mais significativos que evidenciam a importância crescente do esporte na mídia foi a introdução de páginas dedicadas ao tema no *The New York Journal*, em 1895. Para Silveira (2009) o impacto positivo nas vendas forçou os veículos concorrentes a promoverem a mesma prática, estabelecendo assim a presença diária de papéis esportivos nas páginas internas dos jornais. Em 1926, o *The New York Times* elevou ainda mais o status do esporte na imprensa ao destacar, “em sua primeira página e colunas, uma fotografia do boxeador Gene Tunney ao lado de um automóvel, enquanto recebia homenagens dos torcedores que celebravam sua vitória”. (Silveira, 2009, p. 21).

O sucesso do progresso pelas páginas esportivas nos jornais também teve um impacto significativo na mídia falada. Inicialmente, a transmissão de eventos esportivos envolveu dificuldades, com restrições que impediram os radialistas de reportar diretamente dos locais dos acontecimentos.

Para Alcoba (2005 apud Silveira, 2009), os primeiros jornalistas esportivos eram frequentemente descritos como imersos na emoção da competição e nas realizações dos atletas. Para o autor o crescimento acelerado da importância do esporte para os meios de comunicação e para o público, o esporte passou a ser reconhecido como um gênero específico dentro do jornalismo, ao lado de categorias como economia, política e religião. Isso exige a presença de profissionais capacitados para relatar com precisão os eventos esportivos e suas implicações.

O Rei Pelé é a prova disso em 1958, quando conquista a primeira Copa do Mundo para o Brasil, o inserindo no mapa do futebol. Esse feito emocionante dele foi responsável por divulgar o país por meio de conquistas e da arte do futebol.

Em consenso com o processo de industrialização e especialização, o jornalismo esportivo começa a reivindicar espaço na imprensa brasileira. De acordo com Bahia (1990 apud Silveira, 2009), seu surgimento remonta ao ano de 1856, com o periódico *O Atleta*, que veiculava orientações para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Em 1886, foram publicados os periódicos *Sport* e *Sportman*, ambos com títulos e ortografia em inglês. O *Sport*, em São Paulo, introduzia conceitos científicos relacionados ao corpo e à mente.

Paulo Vinicius Coelho (2004 apud Silveira, 2009) argumenta que o esporte ganhou destaque na imprensa brasileira pela primeira vez em 1910, com relatos

detalhados dos jogos de futebol amador de equipes italianas, publicados no jornal *Fanfulla*. Embora não fosse um jornal voltado para a elite, o *Fanfulla* alcançava a crescente comunidade italiana na cidade de São Paulo. Em uma de suas edições, o jornal convocou os italianos a fundarem um clube de futebol, o que resultou, em meio à Segunda Guerra Mundial, na criação do Palestra Itália, posteriormente conhecido como Palmeiras. Segundo Silveira (2009), contudo, esses relatos e informações esportivas ainda não constituíam o jornalismo esportivo como o conhecemos atualmente.

Entretanto, foi graças a esses registros que hoje é possível conhecer a data e os detalhes do primeiro jogo do Palmeiras, Corinthians, Santos, assim como outras informações históricas, como a introdução do futebol no Flamengo, a primeira cesta no basquete brasileiro e o primeiro saque no voleibol. Todos esses eventos foram documentados nas páginas do *Fanfulla*.

O espaço dedicado ao esporte na imprensa era limitado. De acordo com Silveira (2009) o *Correio Paulistano*, por exemplo, reservava apenas uma coluna para o futebol e duas para o turfe. O remo, o esporte mais popular da época, raramente recebia destaque na capa dos jornais. Vale destacar que foi a partir dos clubes de regatas que surgiram alguns dos principais times de futebol atuais, como o Clube de Regatas do Flamengo, o Clube de Regatas Vasco da Gama e o Botafogo de Futebol e Regatas.

Cabe destacar que é somente em 1922, no Rio de Janeiro, que inicia a inclusão de jogadores negros nas equipes de futebol. É importante relacionar este cenário ao contexto da década de 1920, quando a decisão de Epitácio Pessoa, então Presidente da República, de recomendar que a Seleção Brasileira não levasse jogadores negros para o Campeonato Sul-Americano de 1921 (atualmente conhecido como Copa América), que demonstra a discriminação racial prevalente na sociedade brasileira da época. E essa prática acontece até hoje, já que há inúmeros casos de racismos dentro e fora dos estádios brasileiros. Desta forma, os casos dos jogadores Mario Aranha, Márcio Chagas e Enner Valencia serão mencionados neste trabalho.

Silveira (2009) revela que o preconceito de que apenas as camadas mais baixas da população seriam leitoras de diários esportivos tinha alguma base, pois o menor poder aquisitivo frequentemente se associava a um menor acesso à

educação formal, fazendo com que a leitura não fosse uma prioridade. Assim, os torcedores de futebol preferiam gastar seu dinheiro com ingressos para assistir aos jogos nos estádios, em vez de adquirir publicações sobre o tema.

Ainda, conforme Silveira (2009), em 1926, Mário Filho, irmão mais velho do escritor Nelson Rodrigues, iniciou sua carreira como jornalista esportivo no jornal *A Manhã*, de propriedade de seu pai. “Em 1931, ele fundou o *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro” (2009, p. 23). Com a profissionalização do futebol em 1933, o tema ganhou relevância, e Mário Filho pôde lançar o primeiro diário dedicado exclusivamente ao esporte no Brasil. Ele percebeu a oportunidade, especialmente considerando que *A Gazeta* já havia alcançado sucesso desde 1928 com a publicação de sua página de esportes às segundas-feiras.

Em 1949, no Rio Grande do Sul, o *Correio do Povo* lançou *A Folha Esportiva*, um matutino que permaneceu em circulação até 1963. O Estado de São Paulo foi o último entre os grandes centros de imprensa nacional a abandonar a prática de dedicar apenas algumas colunas ao tema esportivo. Com o impacto da conquista do primeiro título mundial pelo Brasil, em 1958, tornou-se inevitável a expansão da cobertura esportiva, levando o *Estadão* a abrir mais espaço para o esporte na década de 1960. (Silveira, 2009).

No final dessa mesma década, Roberto Petri lançou o diário esportivo *O Jornal*. Paralelamente, os grandes cadernos esportivos começaram a se desenvolver. Em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que deu origem ao *Jornal da Tarde*. No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* viveu um período de sucesso entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1960. (Silveira, 2009).

Segundo Silveira (2009), em todas essas publicações, o que prevalece é a crônica esportiva, na qual o futebol é retratado com dramaticidade, idolatrando os jogadores e buscando, sobretudo, motivar o torcedor. A partir dos anos 1970, o jornalismo esportivo passa a ser mais noticioso e informativo, buscando validar sua narrativa em fontes especialistas, impulsionada também pelo surgimento de publicações segmentadas, como a *Revista Placar*. Na década de 1990, Coelho (2004 apud Silveira 2009) tornou-se comum que as editorias de esporte contassem com números expressivos de profissionais.

O jornalismo esportivo começou a se estruturar em Porto Alegre durante a fase de consolidação da Rádio Guaíba, marcada pela transmissão pioneira da Copa do Mundo de 1958. Segundo Dalpiaz (2002 apud Silveira, 2009, p. 23), “embora não seja possível estabelecer uma data exata para esse processo, foi nesse período que surgiram as primeiras equipes esportivas organizadas”. Nesse contexto, comentaristas e repórteres começaram a ser valorizados, e as jornadas esportivas passaram a assumir um caráter mais jornalístico.

Silveira (2009) explica que em março de 1999, a Rádio Pampa de Porto Alegre inovou ao introduzir uma programação dedicada exclusivamente ao esporte. A diferença marcante foi a proposta de uma cobertura contínua, oferecendo 24 horas de conteúdo esportivo, um feito inédito no Brasil. A rádio operava em duas frequências, 780 e 970 kHz, e adotou o slogan: “A número 1 no futebol”. Inicialmente, sua programação incluía esporte e jornalismo em outras áreas, mas, após seis meses, optou-se por focar exclusivamente no esporte, já que não havia outra emissora no país oferecendo transmissões esportivas em tempo integral.

Outra emissora apresentada por Silveira (2009) foi a rede Bandeirantes composta pela Band AM e Band FM, que também buscou inovações para manter sua audiência. A partir de 2000, a emissora diversificou suas transmissões esportivas, utilizando tanto a Band FM quanto a Band AM. Dessa forma, quando havia jogos simultâneos da dupla Gre-Nal, a Bandeirantes AM transmitia a partida do time jogando no interior do estado, enquanto a Bandeirantes FM cobria o jogo realizado em Porto Alegre. Contudo, com a introdução da programação nacional na Band FM, essas coberturas esportivas locais tiveram de ser descontinuadas.

Na televisão brasileira, a primeira transmissão esportiva ocorreu em 15 de outubro de 1950, pela TV Tupi, com a partida entre São Paulo e Palmeiras, realizada no Pacaembu. Para competir pela audiência, a Record lançou, em 1954, o programa Mesa Redonda, apresentado por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara, que trazia transmissões ao vivo de partidas de futebol. A Record foi também pioneira na realização de transmissões externas ao vivo, com a cobertura do jogo entre Santos e Palmeiras na Vila Belmiro, consolidando-se como a principal emissora em termos de cobertura esportiva na década de 1950.

É através do esporte que muitas pessoas, de diferentes partes do mundo, conhecem diferentes culturas, mantêm contato com os demais seguidores desse fenômeno. Considerando apenas a atividade física, a prática envolve competição. Se estamos jogando com alguém, sempre provocamos a briga por quem “é o melhor”. (Silveira, 2009, p. 37).

Com o profissionalismo no esporte, o jogo transformou-se em um espetáculo, o que contribuiu significativamente para o aumento de sua popularidade e a visibilidade dos atletas. Para Silveira (2009), esses profissionais passaram a ser referências e catalisadores de um atrativo social, pois suas qualidades como a dedicação exclusiva ao esporte, os sacrifícios enfrentados em decorrência dos intensos treinamentos e os prêmios conquistados nas competições são amplamente destacados pela mídia.

No entanto, o benefício desse destaque não é exclusivo dos atletas. As instituições esportivas, incluindo organizações e clubes, também se beneficiam enormemente, muitas vezes alcançando cifras milionárias, como, por exemplo, a Copa do Mundo de Futebol. O espetáculo esportivo, impulsionado pela exposição midiática, torna-se uma poderosa ferramenta de geração de receita e promoção institucional, consolidando o esporte como um fenômeno cultural e econômico de grande magnitude.

Silveira (2009) defende que os meios de comunicação são os principais expoentes da importância do esporte, e os jornalistas esportivos desempenham um papel crucial na formação das percepções e emoções dos torcedores. Esses profissionais da informação têm o poder de influenciar diretamente o sentimento dos fãs, podendo direcionar o entusiasmo ou a decepção em relação aos eventos esportivos. Muitas vezes, são os jornalistas que, por meio de suas narrativas e análises, controlam a alegria ou a tristeza dos torcedores, destacando o impacto significativo que a mídia esportiva exerce sobre o público.

No Rio Grande do Sul, isso é muito presente. Torcedores de Grêmio e Internacional, culturalmente, escutam diversos programas de rádio esportivo, como, por exemplo, Rádio Gaúcha, Grenal e Guaíba, para terem uma opinião sobre determinado assunto, principalmente após o término das partidas de futebol.

A valorização dos atletas, especialmente dos jogadores de futebol, transformou significativamente os contratos de trabalho, que frequentemente

incluem cláusulas de direito de uso de imagem. O intenso assédio midiático levou as instituições esportivas a criarem setores dedicados à gestão de sua imagem, como as assessorias de comunicação, que abrangem as assessorias de imprensa. Essas assessorias têm a função de regular quem pode conceder entrevistas, quais informações podem ser divulgadas e como o clube pode manter uma boa imagem perante seus torcedores ou atrair novos.

Em casos de racismo no futebol, os clubes se manifestam com notas de repúdio contra o acontecimento ou com textos de apoio ou solidariedade à vítima. Por exemplo, o Internacional divulgou uma nota oficial após o jogador equatoriano Enner Valencia ser ofendido nas redes sociais:

O Sport Club Internacional manifesta seu mais veemente repúdio aos ataques de racismo dirigidos ao seu atleta Enner Valencia. O Clube do Povo não tolera qualquer discriminação e, ao mesmo tempo, se solidariza com o jogador e seus familiares, dando a eles todo o suporte necessário. O Inter informa ainda que encaminhará o caso ao conhecimento das autoridades, convicto de que os atos nas redes sociais não ficarão impunes. (Sport Club Internacional, em 05 de outubro de 2023).

Desta forma, os clubes se manifestam sobre os casos de racismo no futebol. No caso do goleiro Aranha, em 2014, Grêmio e Santos soltaram uma nota oficial horas após o acontecimento. O clube gaúcho ainda informou que tomaria todas as medidas possíveis para que os envolvidos no episódio fossem identificados e que os materiais disponíveis seriam enviados às autoridades policiais, a fim de tomarem as providências cabíveis no âmbito criminal.

2.2 RACISMO NO FUTEBOL

Neste subcapítulo, sobre Racismo no Futebol, é trabalhado a discriminação racial no futebol brasileiro, abordando suas origens, manifestações e consequências ao longo da história. A chegada do futebol ao Brasil, seis anos após a abolição da escravidão, refletiu a concessão racial da época, com a exclusão de jogadores negros devido a práticas elitistas e mecanismos econômicos que restringiam sua participação. A profissionalização do esporte, na década de 1930, começou a abrir espaço para jogadores negros, contribuindo para a popularização do futebol no país. Contudo, o racismo persiste, manifestando-se através de insultos raciais e práticas

discriminatórias, como evidenciado por casos recentes de racismo no futebol gaúcho. Dados do Observatório da Discriminação Racial no Futebol¹ mostram que o estado do Rio Grande do Sul apresentou o maior número de casos de racismo, enfatizando a necessidade de ações efetivas para combater essa discriminação no ambiente esportivo.

De acordo com Esteves e Belem (2020), O futebol chega ao Brasil apenas seis anos após a abolição da escravidão, em 1894, trazida por Charles Muller e Oscar Cox, que introduziram a bola e as regras desse esporte criado na Grã-Bretanha. Nesse contexto, marcado pela recente abolição, a prática do futebol acabou refletindo as tensões e questões raciais e sociais vividas pelos grupos racializados da época.

Uma longa e profunda herança colonialista e escravista pesava ainda nas estruturas sociais e nas instituições, e o futebol absorveu, direta e indiretamente, essas influências. Por isso foi no solo brasileiro, durante os primeiros anos de sua existência, uma prática elitista, racista e excludente, reproduzindo constantes estruturais de nossa formação, como a exclusão de pessoas negras. O racismo foi um dos traços mais marcantes na conjuntura inicial do futebol brasileiro. Um racismo acoplado a um elitismo social e cultural flagrantes na concentração de rendas, de poder e de oportunidades. (Helal e Gordon Jr, 2007 apud Esteves e Belem, 2020, p.02).

Nos primeiros anos do futebol brasileiro, a formação dos times seguia uma lógica racial e social. Muitos clubes, embora não declarassem abertamente em seus estatutos que apenas brancos poderiam praticar o esporte, tornavam essa exclusão evidente ao estabelecer mensalidades elevadas. De acordo com Esteves e Belem (2020), esse mecanismo econômico impedia a participação de negros, recém-saídos da escravidão e em situação financeira precária, de atuarem no futebol. Assim, o acesso ao esporte era restrito às camadas mais privilegiadas da sociedade, reproduzindo as desigualdades raciais e sociais da época.

Não há consenso sobre a data exata ou o time específico que contou com a participação de um jogador negro pela primeira vez no futebol brasileiro. No entanto, a Ponte Preta, clube do município de Campinas, é reconhecida como uma das

¹ Observatório da Discriminação Racial no Futebol: projeto criado em 2014 que monitora, debate e relata casos de racismo no futebol brasileiro.

pioneiras nesse aspecto. Desde sua fundação, em 11 de agosto de 1900, o clube já incluía jogadores negros em seu elenco. Outro exemplo notável é o Bangu Atlético Clube, um time da periferia do Rio de Janeiro, que, em 1905, escalou Francisco Carregal, tornando-se um dos primeiros clubes a incluir um atleta negro em suas fileiras. Esses clubes desafiaram as barreiras raciais que predominavam no esporte à época (Esteves e Belem, 2020).

Mesmo em um contexto social hostil para os negros, em um Brasil que havia recentemente abolido a escravidão e que, no início do século XX, era fortemente racializado, Esteves e Belem (2020) revelam que o primeiro grande jogador amador do país foi um negro. Arthur Friedenreich, filho de um alemão e de uma brasileira negra, destacou-se como o maior jogador de futebol brasileiro da época. No entanto, para ser aceito, Friedenreich sentia a necessidade de se apresentar de forma "mais branca". Ele alisava seu cabelo crespo para modificar sua aparência, tornando-se mais palatável aos olhos das diretorias e das torcidas, evitando, assim, retaliações racistas.

Friedenreich foi o autor do gol que garantiu o primeiro título à Seleção Brasileira, no Campeonato Sul-Americano de 1919, atual Copa América.

Um segundo exemplo de jogador negro que precisou renegar seus traços fenóticos (e nesse caso a própria cor) para conseguir praticar o esporte neste contexto foi Carlos Alberto, atleta do Fluminense. No clube de elite da zona sul do Rio de Janeiro, o jogador entrava em campo coberto de pó de arroz no rosto para transparecer ser o mais branco possível. Porém, com o andamento da partida e o suor produzido pelo corpo, o pó de arroz escorria por seu rosto, isso rendeu o apelido que o perseguiu durante sua carreira: "pó-de-arroz". (Carvalho, 2018 apud Esteves e Belem, 2020, p.03).

Essa informação acima é negada pelo Fluminense Football Club. Segundo a instituição, o acontecimento ocorreu após o atleta Carlos Alberto, jogador do tricolor carioca, enfrentar o ex-clube América, em 1914. De acordo com a versão do clube, Carlos Alberto costumava aplicar talco no rosto após fazer a barba como forma de aliviar irritações na pele, um hábito comum entre os homens da época. O que demonstra que o racismo era dissimulado e não assumido pelo clube.

A inclusão de jogadores negros no futebol brasileiro enfrentou resistência significativa por parte das ligas desportivas que organizavam as competições. Havia

uma exclusão racial regulamentada nos campeonatos da época, como apontado por Carvalho (2018 apud Esteves e Belem 2020). Um exemplo emblemático ocorreu em 1907, quando a Liga Metropolitana de Football, equivalente à atual Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj), publicou uma nota proibindo o registro de "pessoas de cor" como atletas amadores. Essa decisão levou o Bangu a se retirar da Liga e do Campeonato Carioca, já que o time contava com um número considerável de jogadores negros, muitos deles operários.

Além de ser um dos primeiros a incluir atletas negros, o Bangu foi pioneiro na inserção de uma torcida composta por pessoas negras e pobres, permitindo a presença desses grupos em seu estádio sem separação por cor ou classe social, desafiando as normas racistas que prevaleciam na sociedade e no futebol da época.

Para Barbosa de Sousa (2020), apesar das notáveis conquistas do Bangu no combate ao preconceito, foi o Vasco da Gama (RJ) que marcou profundamente a história do futebol brasileiro ao promover a inclusão de atletas negros, mulatos e de outras origens étnicas. Em 1923, após vencer o campeonato carioca em sua estreia na primeira divisão, o Vasco desafiou o orgulho da elite futebolística da época, composta por clubes como Fluminense, Botafogo, América-RJ e Flamengo. Esses clubes, descontentes com a ascensão do Vasco, abandonaram a Liga Metropolitana e fundaram a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos).

A nova liga, representando a elite esportiva, impôs uma condição para que o Vasco pudesse participar: "a demissão de 12 jogadores de origem humilde, a maioria era negra" (Barbosa de Souza). No entanto, o então presidente do Vasco, José Augusto Prestes, recusou a exigência por meio de uma carta histórica, reafirmando o compromisso do clube com a inclusão e igualdade, e se recusando a ceder às pressões discriminatórias. Essa postura firme foi um marco importante na luta contra o racismo no futebol brasileiro.

Outros dois fatos importantes apresentados por Barbosa de Sousa (2020) foram: em 1924, a separação entre os clubes da elite carioca resultou em dois campeonatos estaduais distintos. A Liga Metropolitana, que contava com clubes mais inclusivos, consagrou o Vasco da Gama como bicampeão, com o Bonsucesso terminando em segundo lugar. Paralelamente, a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), formada pelos clubes da elite, teve o Fluminense como campeão e o Flamengo como vice.

No ano seguinte, o Vasco da Gama foi finalmente aceito na AMEA, sem que precisasse renunciar a nenhum de seus jogadores. O clube foi admitido incondicionalmente, com os mesmos direitos dos fundadores da associação. Esse momento marcou uma virada histórica no futebol brasileiro, pois simbolizou a inclusão social e racial no esporte, abrindo caminho para a democratização do futebol e derrubando barreiras aos atletas, que predominavam na época.

O processo se encadeou. O sucesso daqueles primeiros negros do Vasco ajudou a impulsionar o profissionalismo. Que, por sua vez, abriu espaço em todos os clubes para negros, mulatos, pobres. A melhora na qualidade do jogo foi notável e ajudou a seduzir ainda mais o público. E o sucesso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, do time de Leônidas da Silva, foi a melhor exposição possível para aquele futebol negro, de ginga, de talento inegável. Graças a essa transformação, a mudança da mentalidade da sociedade em geral também pode se renovar. (Stein, 2013 apud Barbosa de Sousa, 2020, p.20).

Mascarenhas (1999 apud Barbosa de Sousa, 2020), revela que no Rio Grande do Sul, por volta de 1920, surgiram três importantes ligas futebolísticas em Porto Alegre que refletiam as divisões sociais e raciais da época. A Liga do Sabonete, a mais prestigiada, era composta pela elite local, conhecida como a "nata" da sociedade. A Liga do Sabão representava a classe média, com jogadores vindos de setores como o comércio. Por fim, havia a Liga das Canelas Pretas, formada exclusivamente por jogadores negros, que eram excluídos das outras ligas devido ao racismo predominante. Essas ligas evidenciam as barreiras sociais e raciais no futebol gaúcho e brasileiro durante esse período.

A Liga das Canelas Pretas, originalmente chamada de Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense, surgiu por volta de 1910 como uma forma de protesto contra a segregação racial e social imposta pela liga principal em Porto Alegre. Sua criação foi uma resposta direta à exclusão do time Rio Grandense, composto majoritariamente por jogadores negros, que teve sua participação negada. Com o tempo, a Liga do Sabão, representando a classe média, começou a facilitar a entrada de jogadores negros e pardos na elite do futebol sulista. Esse processo culminou na extinção da Liga das Canelas Pretas com a profissionalização do esporte no Brasil na década de 1930. (Barbosa de Sousa, 2020).

Barbosa de Sousa (2020) argumenta que a entrada de jogadores negros na elite do futebol carioca, e consequentemente no cenário nacional, foi o ponto de partida para a profissionalização do esporte. A valorização do atleta independente da cor da pele alterou a dinâmica do futebol, levando os clubes a buscarem nas camadas mais populares da sociedade novos talentos para compor suas equipes, contribuindo para o crescimento e popularização do esporte no Brasil.

De acordo com a pesquisa do Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2019), a palavra mais utilizada de forma unânime para discriminar jogadores negros é "macaco". Além desta, termos como "macacada" e "tição" também aparecem com frequência, seguidos pela expressão "nêgo burro". Esses insultos racistas revelam como a linguagem, no ambiente esportivo, continua sendo uma ferramenta de perpetuação de preconceitos e exclusão racial, evidenciando a persistência de atitudes discriminatórias contra atletas negros.

Segundo Feré (2019 apud Esteves e Belem 2020), o uso de termos racistas, como "macaco", condiciona as pessoas negras a um estado de subumanidade, associando-as a espécies primitivas. É importante destacar que essas expressões refletem construções sociais e não se dirigem apenas a um interlocutor específico. Assim, tais narrativas evidenciam a profunda influência das teorias racistas na linguagem, mostrando como a animalização das pessoas negras é uma manifestação do preconceito, consciente ou inconsciente, de muitos indivíduos brancos em reconhecê-los como iguais. Essa realidade é ainda mais evidente no contexto do futebol, onde o insulto "macaco" é amplamente utilizado, acompanhado por gestos racistas, como o lançamento de bananas ou suas cascas no campo, reforçando a desumanização dos atletas negros.

Essas expressões com sentido similar, sua forma primitiva de linguagem faz referência direta a termos originários do período da escravidão, tais como "volta para a senzala", mas também à desvalorização étnico-social e à sujeira, como negro/preto, nêgo fedido/sujo", ou ainda, remetendo a uma responsabilização dos jogadores negros por uma possível derrota, seja qual for a equipe e a que estado brasileiro ela pertença, como por exemplo, "se a gente perder, você tá f..., preto filho da p...." (Feré, 2019 apud Esteves e Belem, 2020, p. 05).

Essas expressões racistas que comparam as pessoas negras a animais, são descritas nos três casos deste trabalho. No caso do ex-árbitro Márcio Chagas da Silva, em 2014, ele foi chamado de “macaco” por parte da torcida do Esportivo, em Bento Gonçalves, e encontrou bananas no seu carro no estacionamento, após o término da partida. “Teu lugar é na selva” e “volta para o circo” foram outras ofensas que ocorreram.

Em Porto Alegre, o goleiro Aranha ouviu xingamentos como “macaco”, “seu preto fedido”, “bando de preto”, em jogo pela Copa do Brasil de 2014, entre Grêmio e Santos. Também na capital gaúcha, o atacante Enner Valencia foi alvo de injúrias raciais. Os xingamentos foram registrados pelas redes sociais, principalmente no antigo Twitter, atual X. As frases racistas foram: “vai comer banana seu preto f...”, “volta pra África”, “macaco” e “preto imundo”.

O Observatório da Discriminação Racial no Futebol divulga anualmente um documento que realiza uma análise detalhada sobre os incidentes raciais ocorridos no ambiente futebolístico brasileiro e envolvendo atletas brasileiros no exterior. Esse relatório reúne os casos de preconceito e discriminação ocorridos no futebol brasileiro ao longo do ano, abrangendo o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro. Além de registrar os incidentes, o relatório apresenta informações sobre os desdobramentos desses casos, incluindo as punições aplicadas aos envolvidos. Trata-se de uma importante ferramenta de monitoramento e conscientização sobre o racismo no esporte, contribuindo para a construção de uma resposta mais eficaz e consistente contra esse tipo de violência.

Essa desigualdade reflete uma herança histórica de exclusão racial e social, na qual as pessoas brancas sempre dominaram as esferas de poder no futebol. A profissionalização do esporte e a integração de jogadores negros não foram acompanhadas por mudanças significativas nos níveis de liderança, reforçando a marginalização dessas populações em contextos de influência e poder.

De acordo com Almeida (2019 apud Esteves e Belem, 2020) o racismo estrutural no futebol brasileiro se manifesta na ausência de pessoas negras em cargos de liderança e gestão nas estruturas organizacionais do esporte. Essa exclusão é sustentada por uma predominância de pessoas brancas que ocupam posições de poder e que, muitas vezes, buscam manter seus privilégios.

Além disso, a ideia preconceituosa, amplamente disseminada na sociedade, de que negros não possuem capacidade intelectual para assumir funções de gerência e liderança agrava ainda mais essa desigualdade. Essa percepção reforça barreiras invisíveis, dificultando o acesso de profissionais negros a cargos estratégicos, como treinadores, dirigentes, diretores e presidentes de clubes.

Discriminação de qualquer tipo contra um país, pessoa privada ou grupo de pessoas em razão de raça, cor da pele, origem étnica, nacional ou social, sexo, deficiência, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra opinião, riqueza, nascimento ou qualquer outro status, orientação sexual ou qualquer outro motivo é estritamente proibida e punível com suspensão ou expulsão. (FIFA, 2020).

O artigo 4º do Estatuto da Federação Internacional de Futebol (FIFA), fundada em 1904, em Paris, estabelece o compromisso da organização em combater qualquer forma de discriminação, seja ela racial, de gênero, de orientação sexual, religião, etnia ou qualquer outra diferença social. A FIFA, como responsável pela regulamentação e supervisão do futebol em suas diversas modalidades – incluindo futebol de campo, de praia e futsal –, impõe às associações filiadas a obrigação de promover a inclusão e garantir a igualdade de oportunidades dentro do esporte.

De acordo com Barbosa de Sousa (2020), em 2005, o Juventude se tornou o primeiro clube brasileiro a ser penalizado por racismo, após um incidente em uma partida contra o Internacional. Durante o jogo, a torcida do Juventude emitia sons de macaco sempre que o jogador Tinga, do Inter, tocava na bola. O Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) puniu o clube com uma multa de R\$ 200 mil e a perda de mando de campo em duas partidas.

Também em 2005, o jogador Grafite, atuando pelo São Paulo, foi alvo de um caso de racismo que ampliou o debate sobre o preconceito no futebol. Durante uma partida da Copa Libertadores contra o Quilmes, da Argentina, o zagueiro Leandro Desábato dirigiu insultos racistas a Grafite, chamando-o de "negro de merda" e "macaco". A reação de Grafite resultou em sua expulsão ainda no primeiro tempo do jogo.

O caso ganhou grande repercussão e, na mesma noite, Desábato foi preso, algemado e denunciado por injúria qualificada. O acontecimento gerou discussões sobre a intolerância racial no esporte e teve consequências legais, além de marcar

um momento importante na conscientização sobre o racismo no futebol sul-americano.

Outro caso emblemático ocorreu no Campeonato Espanhol entre Barcelona e Villarreal, em 2014, em que o lateral brasileiro Daniel Alves foi alvo de racismo quando um torcedor jogou uma banana em sua direção. Em um gesto espontâneo e marcante, Daniel Alves pegou a banana e a comeu, desafiando o insulto. O ato foi amplamente celebrado por movimentos antirracistas ao redor do mundo, destacando a necessidade de combater o racismo no esporte.

No mesmo ano de 2014, os dois casos que são citados neste trabalho, o do goleiro Aranha e do ex-árbitro Márcios Chagas, resultaram em punições aos clubes. O Grêmio foi eliminado da Copa do Brasil e pagou uma multa de R\$ 50 mil, enquanto o Esportivo teve que pagar uma multa de R\$ 30 mil e perdeu 9 pontos na tabela do Campeonato Gaúcho, o que culminou no rebaixamento da equipe.

Em 2021, o Brusque foi punido com uma multa de R\$ 60 mil e a perda de três pontos no Campeonato Brasileiro da Série B. A vítima foi o jogador Celsinho, do Londrina, que foi chamado de “macaco” e ouviu a frase “vai cortar esse cabelo, seu cachopa de abelha”, proferida por Júlio Antônio Petermann, presidente do Conselho Deliberativo do Brusque. Júlio foi afastado por 360 dias e multado em R\$ 30 mil. Três meses depois, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) aceitou recurso do clube catarinense e determinou a devolução de três pontos que haviam sido retirados na competição.

Vinícius Júnior, atacante do Real Madrid e da Seleção Brasileira, tornou-se um dos grandes nomes do futebol mundial, mas sua trajetória recente foi marcada por episódios recorrentes de racismo, especialmente no futebol espanhol. Durante a temporada 2022/2023, em que apresentou atuações extraordinárias e se destacou como um dos principais jogadores do mundo, Vinícius foi alvo de ataques racistas por parte de torcedores adversários em várias ocasiões. Esses incidentes foram amplamente noticiados e geraram debates internacionais, expondo a persistência do racismo no esporte e a falta de ações efetivas para combatê-lo.

Embora seu desempenho técnico o colocasse como um dos candidatos à Bola de Ouro, muitos especialistas argumentam que os episódios de discriminação e

o desgaste emocional causado por eles podem ter influenciado sua ausência no topo da premiação. A falta de um posicionamento mais firme das autoridades do futebol em relação ao racismo também levantou críticas sobre como o ambiente esportivo, mesmo em nível global, ainda falha em proteger seus maiores talentos. Assim, o caso de Vinícius Júnior é um reflexo do quanto o racismo afeta não apenas a performance de jogadores negros, mas também sua valorização e reconhecimento nas maiores premiações do esporte.

Para Barbosa de Sousa (2020), a denúncia é fundamental para que a punição em casos de discriminação racial se concretize, assim como em muitos outros crimes. Quando o fato é exposto e reconhecido, a repercussão de punições justas e de resultados benéficos para a vítima pode incentivar outras pessoas que foram alvo de discriminação, mas hesitaram em prosseguir com suas próprias queixas, a tomar medidas. Esse efeito gera uma corrente de segurança, confiança e estímulo para que outras vítimas sintam-se encorajadas a denunciar e buscar justiça.

Ainda, conforme a autora Barbosa de Sousa (2020), com base nos dados do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, o estado do Rio Grande do Sul registrou o maior número de casos de racismo no futebol em quatro dos seis anos analisados entre 2014 e 2019. Foram em 2014, 2015, 2017 e 2019. Isso reflete um cenário preocupante no futebol gaúcho, onde episódios de discriminação racial foram mais frequentes do que em outros estados do Brasil durante esse período.

Esses dados reforçam a necessidade de uma ação mais firme contra o racismo nas competições esportivas, especialmente no futebol, e alertam para a persistência de comportamentos discriminatórios, mesmo em um contexto de crescente conscientização e combate ao preconceito. A liderança do Rio Grande do Sul em casos de racismo evidencia a importância de iniciativas educativas e de punição efetiva para reduzir a incidência de discriminação racial no esporte.

2.3 CASOS DE RACISMO NO RS

No subcapítulo é trabalhado o exame de três casos de racismo no Rio Grande do Sul, envolvendo o goleiro Mário Lúcio Duarte Costa, o juiz Márcio Chagas e o atacante Enner Valencia. Cada caso será apresentado com detalhes, utilizando

materiais jornalísticos disponíveis para aprofundar a compreensão das situações e suas repercussões.

2.3.1 Aranha - Goleiro

O primeiro caso abordado neste estudo é sobre o goleiro Mário Lúcio Duarte Costa, mais conhecido como Aranha, que atuava pelo Santos. Em 28 de agosto de 2014, durante uma partida válida pelas oitavas de final da Copa do Brasil, entre Santos Futebol Clube e o Grêmio Porto-alegrense, na Arena, em Porto Alegre, o jogador Aranha foi alvo de ofensas racistas por parte de alguns torcedores gremistas, especialmente após o placar de 2 a 0 a favor dos santistas. (Portal Terra, 2014, s/p; Brasil de Fato, 2020, s/p).

O episódio também é lembrado em uma matéria opinativa no El País, escrito pelo jornalista Breiller Pires, no dia 17 de julho de 2017. Ele comenta que, no mesmo ano, o goleiro voltou a jogar na Arena do Grêmio e foi vaiado por uma parcela expressiva da torcida gremista. O conteúdo revela que muitos torcedores e, até mesmo, dirigentes do clube não viam o goleiro como uma vítima. Nos tribunais, a defesa do Grêmio culpou o goleiro por ter feito cera durante a partida. Além de ter sido ofendido com expressões como “macaco”, também usaram os termos como: “mentiroso”, “encenador” e “pessoa perigosa”.

A torcedora Patrícia Moreira foi flagrada pelas câmeras de TV gritando a palavra "macaco" em direção ao jogador Aranha. A torcedora gremista negou ser racista e alegou estar arrependida do ocorrido, e declarou à imprensa que fez um pedido de desculpas ao goleiro, que foi recusado. (G1, 2014, s/p).

Como consequência dos atos racistas, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) tomou a Decisão de excluir o Grêmio da Copa do Brasil por racismo contra o goleiro Aranha. A matéria é de Thiago Leme, que conta sobre a situação definida em setembro de 2014, com decisão unânime, com um placar de 5 votos a 0, na Comissão Disciplinar do STJD, pela eliminação da equipe gaúcha, por atos de injúria racial. Além disso, os torcedores identificados foram proibidos de frequentar a Arena do Grêmio por 720 dias. (ESPN Brasil, 2014, s/p).

O goleiro Aranha anunciou sua aposentadoria em 2018 e, desde 2022, faz parte do departamento de futebol do Mogi Mirim, onde atua como preparador de goleiros do clube paulista. (G1, 2022, s/p).

2.3.2 Enner Valencia - Jogador

Enner Valencia foi alvo de ofensas racistas nas redes sociais, com expressões como “preto imundo” e “macaco”. Esse episódio ocorreu após a derrota do Internacional por 2 a 1 para o Fluminense no Estádio Beira-Rio, durante a semifinal da Libertadores de 2023. Valencia foi criticado por ter perdido duas chances de gol, que poderiam ter levado o time gaúcho à final da competição. Torcedores do próprio Internacional, assim como fãs de times rivais, como Vasco, Flamengo e Botafogo, protestaram e fizeram críticas preconceituosas. (Correio Braziliense, 2023, s/p), (Correio do Povo, 2023, s/p) e (Lance!, 2023, s/p).

No dia seguinte ao jogo, uma nota oficial foi divulgada, na qual o Internacional repudiou os ataques racistas direcionados ao jogador. (CNN, 2023, s/p) e (G1, 2023, s/p).

Enner Valencia é um jogador equatoriano, que foi revelado pelo Emelec. Como atacante, jogou em clubes como Pachuca, West Ham, Everton, Tigres e Fenerbahçe. Atualmente, está no Inter. Ele é o maior artilheiro da história da Seleção Equatoriana. Foi também o responsável por fazer o primeiro gol da Copa do Mundo de 2022, disputada no Catar.

2.3.3 Márcio Chagas – Árbitro

Em 6 de março de 2014, durante um jogo do Campeonato Gaúcho entre Esportivo e Veranópolis, no Estádio Montanha dos Vinhedos, em Bento Gonçalves, o juiz Márcio Chagas foi alvo de insultos racistas. Durante o jogo, parte de torcedores do Esportivo o chamaram de “macaco” e disseram que seu lugar era “na selva”. Além disso, o árbitro encontrou seu carro danificado e coberto de bananas. (G1, 2014, s/p).

Matéria da ESPN revive o caso ao noticiar sobre a punição ao Esportivo com a perda de nove pontos e o consequente rebaixamento no Campeonato Gaúcho de 2014. Além disso, o clube foi punido também com uma multa de R\$ 30 mil e seis mandos de campo. (ESPN, 2014, s/p).

A pesquisa também revela que o árbitro decidiu abandonar sua carreira após o incidente e tornou-se comentarista de arbitragem. Esse episódio teve um impacto profundo em sua vida, marcando-o de forma significativa. Anos depois, ele foi novamente alvo de injúrias raciais durante uma final de campeonato municipal em Ajuricaba, onde foi insultado com frases ameaçadoras que faziam referência ao incidente de Bento Gonçalves. “Negro safado, se não apitar direito vão fazer que nem em Bento Gonçalves.” (UOL, 2014, s/p; G1, 2019, s/p).

Por fim, Márcio Chagas foi demitido da RBS TV por ter falado sobre o tema do racismo. À reportagem, o ex-árbitro conta sobre diversas ofensas que sofreu em estádios enquanto trabalhava como comentarista de futebol. Porém, o que mais chama atenção é o fato de que ele foi demitido pela emissora de TV por ter tratado sobre o assunto com um veículo concorrente. (UOL, 2020, s/p).

3 METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso a metodologia adotada é a análise de conteúdo. Herscovitz (2007) define a análise de conteúdo como método eficaz para entender tendências e representações em produtos midiáticos. O método é amplamente utilizado para analisar a mídia e investigar critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. A autora explica que a análise de conteúdo ajuda a compreender a produção e recepção de notícias, além de fornecer percepções sobre parâmetros culturais e lógicas organizacionais.

Para Herscovitz (2007), a análise de conteúdo pode detectar a frequência com que determinados grupos ou temas aparecem na mídia, permitindo a comparação entre essas aparições e dados de referência, como, por exemplo, a porcentagem de afro-brasileiros retratados nos telejornais em comparação com a população brasileira. Além disso, é possível investigar a imagem de mulheres, crianças, idosos e outros grupos, revelando não apenas o conteúdo presente, mas também aspectos implícitos sobre quem produz e consome a notícia, além de parâmetros culturais e organizacionais que estruturam as mensagens midiáticas.

De acordo com Herscovitz (2007), os conteúdos podem ser analisados de maneira quantitativa e qualitativa. O primeiro seria a contagem de frequência do conteúdo visível manifestado, enquanto o segundo é avaliação ou interpretação dos conteúdos implícitos a partir do sentido geral dos textos, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido. Para a autora, as melhores análises de conteúdo são aquelas que combinam ambos os métodos. “O foco apenas no quantitativo pode resultar em simplificações excessivas, enquanto o foco exclusivo no qualitativo pode perder a objetividade necessária em estudos científicos” (Herscovitz, 2007, p. 125).

Herscovitz (2007) defende que análise de conteúdo oferece vantagens significativas para os pesquisadores, principalmente em termos de custo e acessibilidade. Não é necessário realizar entrevistas ou experimentos complexos, uma vez que os materiais já existem e podem ser analisados a qualquer momento. Além disso, o método permite a análise de grandes volumes de dados, o que possibilita a observação de mudanças ao longo do tempo e a identificação de tendências sociais.

Herscovitz (2007) apresenta o método passo a passo, que são hipóteses ou perguntas para determinar aspectos do trabalho de análise. Os questionamentos são: Quais são os objetos de estudo? Como eles são definidos? Qual a população ou universo (conjunto de objetos) de onde será retirado o *corpus*? Em que contexto estão os objetos de estudo? Quais são as delimitações do estudo? Qual o alvo das inferências?

Neste trabalho, os objetos de estudo são as matérias jornalísticas que relatam episódios de racismo no futebol envolvendo o goleiro Aranha, o atacante Enner Valencia e o árbitro Márcio Chagas. Os objetos são definidos como textos jornalísticos, sendo matérias, artigos ou reportagens, que relatam ou comentam esses casos de racismo. O universo da pesquisa consiste em matérias jornalísticas publicadas online sobre os casos de racismo no futebol gaúcho envolvendo os três citados. O contexto dos objetos de estudo envolve os casos de racismo no futebol brasileiro, mais especificamente no Rio Grande do Sul. O estudo será delimitado com apenas as primeiras cinco matérias de cada caso, conforme mapeadas pela busca no Google, o foco será na cobertura jornalística online desses eventos e a análise se limitará ao conteúdo textual das reportagens e abordará o tratamento do tema racismo. O alvo das inferências será compreender como o racismo é tratado e representado pela mídia esportiva e geral nas matérias jornalísticas analisadas.

Para classificar e interpretar o conteúdo, Herscovitz (2007) destaca que o processo de classificação precisa de definições operacionais, ou seja, descrições claras de como os conceitos serão medidos no material de análise. É aí que surgem as categorias, que podem ser definidas como “contra” ou “a favor”, por exemplo. No caso deste trabalho, será utilizada uma categoria que analisará palavras de cunho pejorativo e racista nas matérias selecionadas e duas subcategorias divididas que definirão o que é denúncia/agressão e tolerância.

Para auxiliar na codificação e interpretação do conteúdo, Herscovitz (2007) apresenta opções de unidades de registro, que são as partes específicas do texto que são analisadas. Há unidades como palavra, frase, tema, parágrafo e texto inteiro. Neste trabalho, vai ser utilizado o parágrafo porque permite a análise de segmentos maiores de texto, capturando mais nuances do que a simples contagem de palavras ou frases isoladas. Desta forma, contribui para uma compreensão mais ampla de como o racismo no futebol é retratado e perpetuado na mídia.

Herscovitz (2007) também descreve sobre a validade e a fidedignidade na análise de conteúdo. A validade diz sobre a capacidade do estudo de representar corretamente os conceitos que se propõe a analisar, enquanto a fidedignidade é a consistência dos resultados obtidos. Para garantir que os resultados sejam válidos e confiáveis, é necessário um planejamento rigoroso das categorias de análise e das codificações que interpretam os textos.

3.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Na pesquisa realizada no Google sobre os três casos, no primeiro sobre o goleiro Aranha foram identificados 138 resultados. No segundo, 142 matérias sobre Enner Valencia e, no terceiro, sobre o árbitro Márcio Chagas, foram 182 conteúdos encontrados. Irei utilizar as primeiras 5 matérias mapeadas pelo Google. Que estão listadas a seguir.

No primeiro caso, do Goleiro Aranha, as cinco primeiras matérias mapeadas foram:

Matéria T4 - *Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na Arena do Grêmio* – 28/08/2014.

Matéria T10 - Aranha e o preço de denunciar o racismo no futebol: “Paguei com a minha carreira” – 21/08/2020.

Matéria T5 - STJD exclui o Grêmio da Copa do Brasil por ofensas racistas a goleiro Aranha – 03/09/2014.

Matéria T7 - Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado – 17/07/2017.

Matéria T6 - ‘Não sou racista’, diz Patrícia Moreira, que pede ‘perdão’ a goleiro Aranha – 05/09/2014.

No segundo caso, sobre Enner Valência, as cinco primeiras matérias mapeadas foram:

Matéria T11 - Após derrota na Libertadores, Enner Valencia é alvo de racismo nas redes – 05/10/2023.

Matéria T12 - Enner Valencia é vítima de racismo após eliminação do Internacional na Libertadores – 05/10/2023.

Matéria T13 - Valencia é alvo de racismo pelas redes sociais após eliminação do Inter na Libertadores – 05/10/2023.

Matéria T14 - Após eliminação do Inter, Valencia é vítima de ofensas racistas em redes sociais – 05/10/2023.

Matéria T15 - Internacional se posiciona após Enner Valencia sofrer racismo – 05/10/2023.

No terceiro caso, do Marcio Chagas, as cinco primeiras matérias mapeadas foram:

Matéria T1 - Árbitro encontra bananas em seu carro e relata racismo no Gauchão – 06/03/2014.

Matéria T2 - Esportivo é rebaixado no Gauchão por insultos racistas contra o árbitro Márcio Chagas – 10/04/2014.

Matéria T3 - Árbitro que sofreu racismo no RS abandona carreira e vira comentarista – 24/04/2014.

Matéria T8 - Ex-árbitro Márcio Chagas da Silva é vítima de injúria racial durante jogo em Ajuricaba – 15/12/2019.

Matéria T9 - Ex-juiz Márcio Chagas diz que foi demitido por falar de racismo; RBS nega – 21/08/2020.

Na tabela 1, a seguir, é realizada a identificação da incidência por categorias, as matérias estão disponibilizadas em ordem crescente de data. Na primeira coluna estão as datas das matérias jornalísticas, na segunda coluna é identificado se há ou não a denúncia no texto e na terceira coluna se trata de haver ou não tolerância nos conteúdos analisados.

Tabela 1 – Matérias mapeadas por Categoria em ordem crescente

Datas	Denúncia	Tolerância
T1 - 06/03/2014	X	
T2 – 10/04/2014	X	X
T3 – 24/04/2014	X	
T4 – 28/08/2014	X	X
T5 – 03/09/2014	X	X
T6 – 05/09/2014	X	X
T7 – 17/07/2017	X	X
T8 – 15/12/2019	X	
T9 – 21/08/2020	X	
T10 – 21/08/2020	X	X
T11 – 05/10/2023	X	
T12 – 05/10/2023	X	
T13 – 05/10/2023	X	
T14 – 05/10/2023	X	
T15 – 05/10/2023	X	
TOTAL	15	6

Na tabela 2, a seguir, é realizada a identificação da frequência da categoria Denúncia. Na primeira coluna estão as datas das matérias jornalísticas, na segunda coluna é identificado o número de parágrafos de denúncia no texto e na terceira coluna se trata da utilização das palavras e expressões consideradas racistas.

Tabela 2 – Subcategoria Denúncia - frequência

Datas	Denúncia	Palavras/Expressões
T1 – 06/03/2014	XXXX	Macaco, teu lugar é na selva e volta para o circo.
T2 – 10/04/2014	XX	Mentiroso.
T3 – 24/04/2014	XX	Mentiroso.
T4 – 28/08/2014	XXX	Macaco, preto fedido, seu preto e cambada de preto.
T5 – 03/09/2014	XX	
T6 – 05/09/2014	XXXXX	Macaco.
T7 – 17/07/2017	XXXXX	Pessoa perigosa, macaco, mentiroso e encenador.
T8 – 15/12/2019	XXX	Negro safado.
T9 – 21/08/2020	XXXX	Macaco e preto fedido
T10 – 21/08/2020	XXX	Negro de merda, favelado, as bananas vão entrar pelo teu cu.
T11 – 05/10/2023	X	Macaco e preto imundo.
T12 – 05/10/2023	X	Vai comer banana, seu preto fodido, preto imundo e macaco.
T13 – 05/10/2023	X	Macaco e preto imundo
T14 – 05/10/2023	XX	Preto imundo, macaco e volta para a África.
T15 – 05/10/2023	XX	Preto imundo e macaco.
TOTAL	37	

Na tabela 3, a seguir, é realizada a identificação da frequência da categoria Tolerância. Na primeira coluna estão as datas das matérias jornalísticas, na segunda coluna é identificado o número de parágrafos de tolerância nos textos e na terceira coluna se trata da utilização das palavras e expressões consideradas tolerantes ao racismo.

Tabela 3 – Subcategoria Tolerância - frequência

Datas	Tolerância	Palavras/Expressões
T1 – 06/03/2014		
T2 – 10/04/2014	XXX	É uma desconsideração com os funcionários, com os atletas e com a história de um clube.
T3 – 24/04/2014		
T4 – 28/08/2014	X	Insultos são normais.
T5 – 03/09/2014	XXX	Ações de uma minoria.
T6 – 05/09/2014	XXXXXXXXX	Foi no calor do jogo, Macaco, no contexto do futebol, não se tornou racista e o próprio Inter se chama de macaco.
T7 – 17/07/2017	XX	Nosso torcedor não esquece a injustiça que sofremos.
T8 – 15/12/2019		
T9 – 21/08/2020		
T10 – 21/08/2020	X	Mas tu te ofende com isso mesmo?
T11 – 05/10/2023		
T12 – 05/10/2023		
T13 – 05/10/2023		
T14 – 05/10/2023		
T15 – 05/10/2023		
TOTAL	20	

A partir da leitura das matérias que compõem o *corpus* de pesquisa chegamos a duas categorias. Na sequência, é realizada a análise das categorias: 1.1 Expressões de Denúncia/Agressão e 1.2 – Expressões de Tolerância.

3.1.1 Categoria 1.1 - Expressões de Denúncia/Agressão

Nesta subcategoria é mapeado as matérias que trazem exemplos de Denúncia/Agressão, isto é, no caso os jornalistas que escrevem a matéria estão problematizando a questão do racismo.

Na matéria do dia 06 de março de 2014, com o título *Árbitro encontra bananas em seu carro e relata racismo no Gauchão*, de autoria da jornalista Tatiane

Lopes, do veículo Globo Esporte, temos um primeiro exemplo de conteúdo com sentido de denúncia.

O árbitro diz que ouviu xingamentos como “macaco”, “teu lugar é na selva”, e “volta para o circo”, entre outros. As ofensas foram percebidas também no intervalo da partida. Depois do confronto, que terminou com a vitória de 3 a 2 do Esportivo sobre o Veranópolis, Márcio Chagas se deparou com mais um problema. No estacionamento do estádio, encontrou seu carro particular amassado e com algumas bananas. (Árbitro encontra bananas, Globo Esporte, 2014).

No parágrafo acima, identificamos que o jornalista relata expressões racistas como “macaco”, “teu lugar é na selva” e “volta para o circo”, além de mencionar a presença de bananas no carro do árbitro. Ao descrever esses xingamentos e atos de forma clara, o texto jornalístico contribui para a denúncia das ofensas racistas, evidenciando a violência verbal e simbólica direcionada ao árbitro Márcio Chagas. A inclusão desses detalhes reforça a gravidade do racismo no futebol e a necessidade de se problematizar essas atitudes.

Na matéria do dia 28 de agosto de 2014, com o título *Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na Arena do Grêmio*, do site Terra, temos o segundo exemplo de denúncia.

Os companheiros do goleiro lamentaram a situação. "A gente vive em uma democracia. Acho que todos são iguais, independentemente da cor. Isso é lamentável no futebol", afirmou o zagueiro Edu Dracena. "Tem que ser banido do futebol. Não deve nem entrar no estádio. O Aranha foi muito feliz em denunciar, porque só assim a gente combate isso", disse o defensor em entrevista à ESPN Brasil. (Goleiro Aranha é, Terra, 2014).

No parágrafo acima, as escolhas das fontes, com as declarações dos jogadores favoráveis ao goleiro Aranha, destacam uma postura de denúncia em relação ao racismo. Ao afirmar que “isso é lamentável no futebol” e que atitudes racistas “têm que ser banidas”, o zagueiro Edu Dracena reconhece a gravidade da situação e reforça a igualdade entre as pessoas, independentemente da cor da pele. A fala sobre o goleiro Aranha, ao elogiar sua atitude de denúncia, também contribui

para a crítica ao racismo, mostrando que a exposição desses casos é uma maneira de combatê-los.

Na matéria do dia 03 de setembro de 2014, com o título “*STJD exclui o Grêmio da Copa do Brasil por ofensas racistas a goleiro Aranha*”, de autoria do jornalista Pedro Ivo Almeida, do site UOL, temos o terceiro exemplo de denúncia.

Depois de um intervalo de cinco minutos, o auditor-procurador Rafael Vanzin lembrou episódios antigos e disse que punições pedagógicas não ajudaram a mudar o comportamento da torcida do Grêmio. Além disso, criticou declarações de dirigentes da equipe tricolor, que minimizaram o caso. (STJD exclui o, UOL, 2014).

No parágrafo acima, ao citar a declaração do auditor-procurador Rafael Vanzin, o jornalista Pedro Ivo Almeida contribui para problematizar a postura da torcida e dos dirigentes do Grêmio, evidenciando a falha das punições pedagógicas em mudar o comportamento racista. Ao criticar as declarações que minimizaram o caso, o jornalista traz à tona a dimensão do problema, denunciando a tolerância institucional com atos de racismo. A crítica às atitudes dos dirigentes reforça a necessidade de enfrentar o racismo de forma mais contundente, em vez de subestimar sua gravidade.

Na matéria do dia 17 de julho de 2017, com o título *Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado*, de autoria do jornalista Breiller Pires, do veículo El País, temos o quarto exemplo de denúncia.

Embora tenha aderido a campanhas educativas e dialogado com suas organizadas para abolir o termo “macaco” de cânticos que historicamente serviram para depreciar rivais colorados, o Grêmio jamais se assumiu, de fato, como culpado. Muitos torcedores e, sobretudo, dirigentes não conseguem enxergar Aranha como vítima. Para eles, o goleiro provocou o imbróglio que resultou na eliminação do clube de uma competição, quando, na verdade, ele apenas denunciou a prática abominável de injúria racial no estádio – com a qual, por décadas, o Grêmio, assim como a maioria dos clubes do Brasil, foi condescendente. (Grêmio e Aranha, El País, 2017).

No parágrafo acima, o jornalista critica a postura do Grêmio ao apontar que, apesar de ações educativas, o clube nunca assumiu sua culpa em relação ao uso de termos racistas como “macaco” em cânticos. A falta de reconhecimento da gravidade

do racismo, especialmente por parte de dirigentes e torcedores que culpam o goleiro Aranha por “provocar” o incidente, é vista como uma forma de minimizar a questão. Ao expor a condescendência do clube, o texto denuncia essa falha histórica.

Na matéria do dia 05 de outubro de 2023, com o título *“Após eliminação do Inter, Valencia é vítima de ofensas racistas em redes sociais”*, do veículo Globo Esporte, temos o quinto exemplo de denúncia.

O equatoriano foi chamado de "macaco" e "preto imundo" em algumas postagens no X, antigo Twitter. O perfil do jogador no Instagram também foi invadido com muitas críticas, mas sem cunho racial. (Após eliminação do, Globo Esporte, 2023).

No parágrafo acima, o jornalista do Globo Esporte relata os ataques racistas direcionados ao jogador equatoriano, descrevendo xingamentos como 'macaco' e 'preto imundo' em postagens no X. Ao transpor para matérias as expressões ofensivas divulgadas no X, o texto contribui para dar visibilidade a denúncia de racismo presente na rede social. Identificamos que em todos os três casos de racismo (Marcio Chagas, Enner Valencia e goleiro Aranha) o uso de expressões racistas se repete e configura uma norma entre os torcedores. A estratégia é atingir a dignidade e a autoestima do atleta que fica vulnerável aos ataques e aos xingamentos. Na maioria das vezes provoca o abandono precoce da prática esportiva e a diminuição de rendimento em campo.

3.1.2 Categoria 1.2 - Expressões de Tolerância

Na matéria do dia 05 de setembro de 2014, com o título *“Não sou racista, diz Patrícia Moreira, que pede perdão a goleiro Aranha”*, de autoria da jornalista Luiza Carneiro, do veículo Globo Esporte, temos o primeiro exemplo de tolerância.

O advogado ainda afirmou que sua cliente não é racista e que o xingamento ocorreu dentro do "contexto do futebol". "Macaco, no contexto dentro do jogo, não se tornou racista. Isso se torna um xingamento dentro do futebol. Uma das expressões dentro do futebol. As próprias mães dos árbitros são xingadas historicamente dentro do futebol", defendeu. ('Não sou racista', Globo Esporte, 2014).

No parágrafo acima, o advogado tenta justificar o uso da palavra “macaco” como um simples xingamento dentro do “contexto do futebol”, argumentando que isso não seria racista. Ao trazer a defesa do advogado, sem contraponto direto e nem em outro trecho da matéria, o jornalista contribui para minimizar a gravidade da injúria racial, normalizando a ofensa como parte do ambiente esportivo. Essa postura reflete uma forma de tolerância ao racismo, ao relativizar a expressão e desconsiderar seu impacto racial, tratando-a como se fosse apenas mais uma ofensa comum no futebol.

Na matéria do dia 28 de agosto de 2014, com o título “*Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na Arena do Grêmio*”, do site Terra, temos o segundo exemplo de tolerância.

"Não vi, sinceramente, mas os insultos são normais, sabemos que jogando aqui vão nos insultar, mas não sei se falaram alguma coisa de racismo. Isso a gente não admite. Em 2014, sabemos que isso é normal de acontecer, mas a cor de pele não diferencia ninguém", disse o atacante Robinho. (Goleiro Aranha é, Terra, 2014).

No parágrafo acima, a escolha da declaração da fonte, o atleta negro e jogador do Santos, Robinho, relativizam os insultos recebidos durante a partida. O jogador afirma que “insultos são normais” e que “em 2014, sabemos que isso é normal de acontecer”. Apesar de mencionar que não admite o racismo, sua fala sugere uma aceitação tácita de ofensas no contexto do futebol, o que enfraquece a denúncia do racismo. Ao normalizar os insultos com a fala do jogador negro, o jornalista também contribui para minimizar o impacto das injúrias raciais, mantendo a ideia de que deve haver tolerância com os xingamentos na prática do futebol.

Na matéria do dia 03 de setembro de 2014, com o título “*STJD exclui o Grêmio da Copa do Brasil por ofensas racistas a goleiro Aranha*”, de autoria do jornalista Pedro Ivo Almeida, do site UOL, temos o terceiro exemplo de tolerância.

Na defesa, os advogados do Grêmio alegaram que fizeram tudo para ajudar na identificação dos culpados e relataram campanhas do time contra ações discriminatórias de seus torcedores. “Não é uma defesa que se faz apenas do Grêmio, mas de clubes de futebol que fazem tudo certo e podem ser punidos por ações de uma minoria. O Grêmio é um dos poucos clubes que fazem campanha contra o racismo, e faz isso há muito tempo”, disse o advogado Michel Assef Filho,

contratado pela equipe tricolor para trabalhar no caso. (STJD exclui o, UOL, 2014).

No parágrafo acima, os advogados do Grêmio defendem o clube ao afirmar que ele tomou todas as medidas necessárias para identificar os culpados e tem promovido campanhas contra o racismo. No entanto, a defesa também sugere que a responsabilidade recai sobre uma “minoria” de torcedores, minimizando o impacto das ações racistas e isentando o clube de culpa coletiva. Essa abordagem pode ser interpretada como uma forma de tolerância, ao desviar o foco da responsabilidade institucional para ações isoladas, o que enfraquece o esforço de combate ao racismo de forma mais ampla e sistêmica. Nesta matéria, apesar deste trecho de tolerância, num contexto mais amplo com o apoio de outra fonte, o relator do TJDS Francisco Peçanha, para fazer o contra ponto, ao afirmar que “tenho uma interpretação completamente diferente” e o jornalista completa que o relator pediu a exclusão do Grêmio da Copa do Brasil.

Na matéria do dia 17 de julho de 2017, com o título “*Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado*”, de autoria do jornalista Breiller Pires, do veículo El País, temos o quarto exemplo de tolerância.

Em seguida, o presidente do Grêmio, Romildo Bolzan, fez um pronunciamento para reforçar a ideia de que o clube é o verdadeiro prejudicado em toda história. “Nosso torcedor não esquece a injustiça que sofremos. A reação [vaia a Aranha] faz parte da cultura do futebol.” Para terminar, o presidente criticou o goleiro por não ter aceitado o convite do clube para um pedido formal de desculpas. (Aranha e Grêmio, El País, 2017).

No parágrafo acima, o presidente do Grêmio, Romildo Bolzan, reforça a ideia de que o clube foi o “verdadeiro prejudicado” no caso, desviando o foco da gravidade do racismo e colocando-se como vítima. Ao justificar as vaia a Aranha como parte da “cultura do futebol”, Bolzan normaliza uma atitude que deveria ser condenada. Além disso, a crítica ao goleiro por não aceitar o pedido formal de desculpas reforça a tentativa de minimizar o impacto das ofensas racistas. Essa postura exemplifica uma forma de tolerância ao racismo, ao tratar o incidente mais como uma questão de reputação do clube do que como um problema social grave.

Neste exemplo, a tolerância está relacionada aos dirigentes do Grêmio. O jornalista, Breiller Pires, traz ao longo da matéria vários contrapontos para apontar o ato racista. Num trecho citado na sequência ao parágrafo destacado, o jornalista desqualifica as afirmativas dos representantes do Grêmio, como vemos a seguir.

Ao longo de todo o processo, a queixa de Aranha foi desqualificada pelo Grêmio. Ele foi chamado de “macaco”, “encenador”, “mentiroso” e, agora, virou “pessoa perigosa”. Quem sofre tantas agressões, tem todo o direito de não aceitar um pedido – hipócrita, por sinal – de desculpas. Não, Romildo. As vaias a Aranha não fazem parte da cultura do futebol. Uma vítima de racismo jamais, em nenhuma circunstância, deveria ser hostilizada e vista como *persona non grata* no mesmo lugar onde gritos de “macaco” golpearam sua dignidade. (Aranha e Grêmio, El País, 2017).

Na matéria do dia 10 de abril de 2014, com o título “*Esportivo é rebaixado no Gauchão por insultos racistas contra o árbitro Márcio Chagas*”, de autoria do jornalista Paulo Germano, do veículo Gaúcha ZH, temos o quinto exemplo de tolerância.

- Estou arrasado. É uma desconsideração com os funcionários, com os atletas e com a história de um clube que enfrenta dificuldades diárias – queixou-se o presidente do Esportivo, Luis Oselame. (Esportivo é rebaixado, Gaúcha ZH, 2014).

No parágrafo acima, o presidente do Esportivo, Luis Oselame, expressa sua indignação ao afirmar que a situação representa uma “desconsideração” com os funcionários, atletas e a história do clube. Sua preocupação está voltada para o rebaixamento do gauchão, pois em momento algum cita o caso de racismo, não é capaz de nomeá-lo. Embora a declaração não mencione diretamente o racismo, ela reflete uma preocupação com a reputação do clube e o impacto negativo que incidentes como esse podem ter na imagem institucional. A abordagem do jornalista pode ser vista como uma forma de tolerância ao desviar o foco do problema racial em si e, em vez disso, enfatizar o rebaixamento do time, o descontentamento pela repercussão negativa, sem abordar a gravidade das ofensas racistas ocorridas contra o ex-árbitro Márcio Chagas.

No próximo capítulo será realizada a Análise dos resultados obtidos nesta análise de conteúdo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados das matérias jornalísticas sobre racismo no futebol gaúcho, organizadas nas categorias de Denúncia e Tolerância, revela importantes tendências e contrastes na forma como o tema é abordado pela mídia. O mapeamento realizado em 15 matérias (Tabela 1) mostrou que todas elas (15) se enquadram na categoria de Denúncia, enquanto 6 apresentam também elementos de Tolerância. Essa prevalência de denúncias pode ser vista como um reflexo positivo do papel da imprensa na problematização do racismo no esporte, trazendo à tona o impacto das atitudes e discursos racistas dentro e fora de campo.

Na Tabela 2, que identifica a frequência de parágrafos dedicados à denúncia, observamos que as 15 matérias resultaram em um total de 37 parágrafos que abordam o racismo de maneira crítica e denunciam a prática. Isso significa que, em média, cada matéria contém aproximadamente 2,5 parágrafos de denúncia. A identificação da matéria com maior número de parágrafos de denúncia. A matéria do dia 17/07/2017, com o título “*Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado*”, se destaca como a mais enfática em denunciar o racismo, com 5 parágrafos. Esses números demonstram que, embora o racismo esteja sendo amplamente exposto, a profundidade da denúncia pode variar, com algumas matérias dedicando maior atenção ao tema e outras o tratando de maneira mais breve ou dispersa.

Já a Tabela 3, focada na categoria de Tolerância, mostra que das 6 matérias, foram identificados 20 parágrafos que tendem a minimizar ou relativizar as questões raciais. Aqui, encontramos uma média de mais de 3 parágrafos de tolerância por matéria, o que indica que, em determinados momentos, há uma insistência em atenuar ou justificar os comportamentos racistas, seja através de argumentos que os tratam como parte da cultura do futebol ou por meio de tentativas de desqualificar as vítimas. A matéria mais tolerante, datada de 05/09/2014, com o título “*Não sou racista, diz Patrícia Moreira, que pede perdão a goleiro Aranha*”, apresentou 8 parágrafos que minimizam o racismo, sendo a que mais exemplifica essa prática de normalização das ofensas raciais.

Apesar dessa presença de tolerância, é importante destacar que mesmo nessas matérias que apresentam parágrafos tolerantes, há contrapontos de

denúncia. Das 6 matérias que exibem ambas as categorias, percebe-se uma coexistência de discursos opostos, com a denúncia buscando reverter ou problematizar a normalização dos atos racistas. Esse contraponto é significativo, pois indica que, embora a tolerância ao racismo ainda esteja presente em parte da cobertura midiática, há também um esforço simultâneo para expor e condenar tais práticas.

Em resumo, a análise quantitativa e qualitativa das matérias sobre racismo no futebol gaúcho revela uma predominância da denúncia, mas com uma presença expressiva de tolerância em algumas delas, indicando a necessidade de um olhar mais atento e crítico da imprensa para evitar que atitudes racistas sejam tratadas de maneira permissiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste trabalho, concluímos que os objetivos propostos foram alcançados de maneira significativa, contribuindo para uma compreensão aprofundada sobre o racismo no futebol gaúcho. Os objetivos específicos incluíram mapear os casos mais conhecidos de racismo no futebol, selecionar três casos ocorridos no Rio Grande do Sul — Márcio Chagas, o goleiro Aranha e Enner Valencia — e analisar os enquadramentos dados a esses casos pela mídia esportiva.

Iniciamos com uma revisão da evolução do jornalismo esportivo, com ênfase nas análises de Silveira (2009), que destacou como o jornalismo esportivo se consolidou no Brasil e influenciou as percepções dos torcedores. Em seguida, aprofundamos o tema do racismo no futebol, tomando como base as contribuições teóricas de Esteves e Belém (2020) e Barbosa de Sousa (2020), que traçaram a origem do racismo nos estádios e os desafios enfrentados pelos atletas negros ao longo do tempo. Dessa forma, a fundamentação teórica possibilitou o aprofundamento e a sustentação para a análise dos casos empíricos.

Este trabalho abordou a análise de conteúdo das matérias jornalísticas que noticiaram os casos de racismo estudados, utilizando como metodologia a estrutura proposta por Herscovitz (2007). Com a análise de conteúdo, foram estabelecidas duas principais categorias para a interpretação dos textos: Denúncia/Agressão e Tolerância, permitindo identificar tanto a ênfase negativa nas manifestações racistas quanto as justificativas e amenizações que surgiram nas matérias.

Os textos analisados revelaram uma dualidade no tratamento da mídia: enquanto algumas matérias adotaram uma postura crítica, outras apresentaram elementos de tolerância e minimizaram os atos racistas. A metodologia, fundamentada na contagem de frequência e avaliação qualitativa dos termos empregados nas matérias, permitiu uma visão abrangente das abordagens jornalísticas e suas implicações.

Os três casos selecionados — Márcio Chagas, goleiro Aranha e Enner Valencia — ilustram a diversidade das experiências de racismo no contexto do futebol gaúcho. Márcio Chagas, árbitro, relatou injúrias raciais e encontrou seu carro

vandalizado com bananas, o que o levou a abandonar a carreira de árbitro e a seguir como comentarista.

O caso do goleiro Aranha também se destacou pela gravidade dos insultos racistas proferidos por torcedores do Grêmio, culminando na exclusão do clube da Copa do Brasil de 2014 e gerando ampla discussão na mídia. Já o caso mais recente, envolvendo Enner Valencia, trouxe à tona ofensas raciais nas redes sociais após uma partida decisiva do Internacional, o que levou o clube a se posicionar formalmente contra o racismo. Esses episódios foram amplamente repercutidos na mídia e são exemplos dos desafios que atletas e árbitros negros ainda enfrentam no futebol.

A partir da análise das matérias, observou-se que as expressões de denúncia e tolerância refletem uma divisão na cobertura jornalística, onde a sensibilização e o combate ao racismo nem sempre são consistentes. Alguns veículos priorizam a denúncia e contribuem para o fortalecimento do combate ao racismo, enquanto outros suavizam o impacto dos insultos e sugerem que atos racistas podem ser tolerados em certas circunstâncias. A análise dos enquadramentos confirma a persistência do racismo estrutural, uma vez que a cobertura jornalística varia de acordo com o contexto social e as percepções culturais da sociedade.

Este estudo contribui para a sociedade ao trazer visibilidade ao racismo no futebol, mostrando como a mídia pode influenciar a percepção do público em relação aos atos racistas. Ao evidenciar a diferença nos enquadramentos, busca-se fomentar uma reflexão crítica sobre o papel dos meios de comunicação e reforçar a importância de uma cobertura que condene com veemência qualquer forma de discriminação.

A análise dos casos de racismo no futebol gaúcho revela a necessidade de um posicionamento mais firme por parte das instituições esportivas e da mídia, além de políticas públicas eficazes no combate ao preconceito racial. Assim, este trabalho se propõe a ser uma ferramenta para o combate ao racismo e um convite à construção de um ambiente esportivo mais inclusivo e respeitoso. É papel, previsto no código de ética do jornalista brasileiro o respeito a diversidade e a pessoa humana, na qual me insiro enquanto futuro profissional midiático. Cabe dizer, ainda, que apesar de não ser uma pessoa afrodescendente sinto a necessidade de me incorporar à luta contra o racismo, uma responsabilidade que é de todos nós.

Entende-se, portanto, que o estudo não apenas documenta e analisa episódios de racismo no futebol, mas também destaca a importância da responsabilidade midiática na construção de uma sociedade mais igualitária. A contribuição deste trabalho é dupla: fornecer subsídios para futuras pesquisas acadêmicas e estimular o debate sobre racismo e seu combate, reforçando o papel do jornalismo esportivo como ferramenta de denúncia e conscientização social. Assim, ele se posiciona como um recurso valioso para jornalistas, pesquisadores e profissionais do esporte que buscam um entendimento mais profundo dos impactos do racismo e das possibilidades de combate à discriminação por meio da comunicação e da visibilidade dos casos.

REFERÊNCIAS

109 anos do pó de arroz: a verdadeira história do maior símbolo da torcida tricolor. Fluminense FC. 13 de maio de 2023. Disponível em:

<https://www.fluminense.com.br/noticia/109-anos-do-po-de-arroz-a-verdadeira-historia-do-maior-simbolo-da-torcida-tricolor> Acesso em: 21/08/2024.

ALMEIDA, Pedro. STJD exclui o Grêmio da Copa do Brasil por ofensas racistas a goleiro Aranha. UOL. 03 de setembro de 2014. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/copa-do-brasil/ultimas-noticias/2014/09/03/stjd-julga-o-gremio-por-caso-de-racismo-contra-o-goleiro-aranha.htm> Acesso em: 15/10/2024.

A incontornável Liga dos Canelas Pretas. Observatório da Discriminação Racial no Futebol. 23 de dezembro de 2016. Disponível em

<https://observatorioracialfutebol.com.br/a-incontornavel-liga-dos-canelas-pretas/> Acesso em 10/11/2024.

Após eliminação do Inter, Valencia é vítima de ofensas racistas em redes sociais. Globo Esporte. 05 de outubro de 2023. Disponível em:

<https://ge.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/2023/10/05/apos-eliminacao-do-inter-valencia-e-vitima-de-ofensas-racistas-em-redes-sociais.ghtml>.

Acesso em: 02/05/2024.

Aranha, ex-Ponte e Santos, inicia nova carreira no futebol em processo de reconstrução do Mogi. Globo Esporte. 20 de janeiro de 2022. Disponível em:

<https://ge.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/times/mogi-mirim/noticia/aranha-ex-ponte-e-santos-inicia-nova-carreira-no-futebol-em-processo-de-reestruturacao-do-mogi.ghtml>. Acesso em: 20/07/2024.

Árbitro que sofreu racismo no RS abandona carreira e vira comentarista. UOL. 24 de abril de 2014. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2014/04/24/arbitro-que-sofreu-racismo-no-rs-abandona-carreira-e-vira-comentarista.htm>. Acesso em: 29/04/2024.

BARBOSA DE SOUSA, Joanna de Ângelis. Mídia e racismo no futebol brasileiro. Maceió, 2020. Disponível em:

<https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/9094> Acesso em: 20/08/2024.

BOTELHO, Gabriel. Após derrota na Libertadores, Enner Valencia é alvo de racismo nas redes. Correio Braziliense. 05 de outubro de 2023. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2023/10/5131308-apos-derrota-na-libertadores-enner-valencia-e-alvo-de-racismo-nas-redes.html>. Acesso em: 28/04/2024.

CARNEIRO, Luiza. ‘Não sou racista’, diz Patrícia Moreira, que pede ‘perdão’ a goleiro Aranha. G1 RS. 05 de setembro de 2014. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/09/patricia-moreira-quebra-silencio-e-da-entrevista-sobre-caso-de-racismo.html>. Acesso em: 02/07/2024.

CARVALHO, Igor. **Aranha e o preço de denunciar o racismo no futebol: “Paguei com a minha carreira”**. Brasil de Fato. 21 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/21/aranha-e-o-preco-de-denunciar-o-racismo-no-futebol-paguei-com-a-minha-carreira>. Acesso em: 02/05/2024.

CHAGAS, Márcio. **Ex-juiz Márcio Chagas diz que foi demitido por falar de racismo; RBS nega**. UOL. 21 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/08/21/ex-juiz-marcio-chagas-diz-que-foi-demitido-por-falar-de-racismo-rbs-nega.htm>. Acesso em 02/07/2024.

Clubes pioneiros na inserção do jogador negro no futebol brasileiro. Observatório da Discriminação Racial no Futebol. s/d. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/clubes-pioneiros-na-insercao-do-jogador-negro-no-futebol-brasileiro/> Acesso em: 10/11/2024.

DORNELES, Mauri. **Internacional se posiciona após Enner Valencia sofrer racismo**. CNN Brasil. 05 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/internacional-futebol/internacional-se-posiciona-apos-enner-valencia-sofrer-racismo/>. Acesso em: 02/05/2024.

Enner Valencia é vítima de racismo após eliminação do Internacional na Libertadores. Lance!. 05 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/enner-valencia-e-vitima-de-racismo-apos-eliminacao-do-internacional-na-libertadores.html>. Acesso em: 02/05/2024.

Entenda em 5 pontos a polêmica envolvendo Vini Jr na Bola de Ouro. CNN Brasil. 29 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/entenda-em-5-pontos-a-polemica-envolvendo-vini-jr-na-bola-de-ouro/>

ESTEVES, Emerson Maciel. BELEM, Vitor Curvelo Fontes. **Racismo no Futebol e Televisão: Uma Análise Sobre a Cobertura do Jornalismo Esportivo em Casos de Racismo no Futebol Brasileiro**. Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Comunicação Social, São Cristóvão, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0577-1.pdf> Acesso em: 02/10/2024.

Ex-árbitro Márcio Chagas da Silva é vítima de injúria racial durante jogo em Ajuricaba. G1 RS. 15 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/12/15/ex-arbitro-marcio-chagas-da-silva-e-vitima-de-injuria-racial-durante-jogo-em-ajuricaba.ghtml>. Acesso em: 02/07/2024.

GERMANO, Paulo. **Esportivo é rebaixado no Gauchão por insultos racistas contra o árbitro Márcio Chagas**. Gaúcha ZH. 10 de abril de 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/04/esportivo-e-rebaixado-no-gauchao-por-insultos-racistas-contr-o-arbitro-marcio-chagas-4471635.html> Acesso em: 15/10/2024.

Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na Arena do Grêmio. Portal Terra. 28 de agosto 2014. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/santos/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio,a35122e4c2f18410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html?utm_source=clipboard. Acesso: 02/05/2024.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo.** In: LAGO, Claudia & BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEME, Thiago. **STJD decide excluir Grêmio da Copa do Brasil por racismo contra goleiro Aranha.** ESPN Brasil. 03 de setembro de 2014. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/437296_stjd-decide-excluir-gremio-da-copa-do-brasil-por-racismo-contragoleiro-aranha. Acesso em: 02/07/2024.

LOPES, Tatiana. **Árbitro encontra bananas em seu carro e relata racismo no Gauchão.** Globo Esporte. 06 de março de 2014. Disponível em: <https://ge.globo.com/rs/noticia/2014/03/arbitro-encontra-bananas-em-seu-carro-e-relata-racismo-no-gauchao.html>. Acesso em: 29/04/2024.

O que diz a FIFA. Observatório da Discriminação Racial no Futebol. s/d. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/o-que-diz-a-fifa/> Acesso em: 10/11/2024.

PIRES, Breiller. **Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado.** El País. 17 de julho de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html. Acesso em: 02/07/2024.

Por racismo de torcedores contra o árbitro Márcio Chagas, Esportivo perde 9 pontos e é rebaixado. ESPN Brasil. 10 de abril de 2014. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/402839_por-racismo-de-torcedores-contrarbitro-marcio-chagas-esportivo-perde-9-pontos-e-e-rebaixado. Acesso em: 02/07/2024.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas.** Porto Alegre, 2009. Trabalho acadêmico (Graduação em Biblioteconomia e Comunicação, habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22683> Acesso em: 21/08/2024.

Valencia é alvo de racismo pelas redes sociais após eliminação do Inter na Libertadores. Correio do Povo. 05 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/esportes/inter/valencia-%C3%A9-alvo-de-racismo-pelas-redes-sociais-ap%C3%B3s-elimina%C3%A7%C3%A3o-do-inter-na-libertadores-1.1397533>. Acesso em: 02/05/2024.

WALZBURIECH, Daniela. FONTANA, Ronaldo. **Caso Celsinho: Brusque é multado e perde três pontos na Série B por injúria racial ao meia do Londrina.** Globo Esporte. 24 de setembro de 2021. Disponível em:

<https://ge.globo.com/sc/futebol/brasileirao-serie-b/noticia/caso-de-racismo-celsinho-brusque-e-multado-e-perde-3-pontos-na-serie-b.ghtml> Acesso em: 14/05/2024.